

A MULHER QUE SE (RE)DESCOBRIU

ANA VARGAS

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

A mulher que se (re) descobriu

A mulher acordou e percebeu que estava só na noite que era a matéria final de todas as noites miseráveis da sua vida. A mulher acordou e percebeu que estava só na noite que era a matéria primordial de todas as noites magníficas da sua vida.

A mulher acordou e percebeu que estava só.

Mas não havia temor, antes era o desejo; não havia inquietude; antes era o conforto de saber-se mulher e sozinha em meio à estranha docilidade da noite.

A casa que abrigava a mulher era enorme, imensa; uma casa dessas que possuem dezenas de quartos e armários repletos de gavetas atulhadas de roupas; muitas roupas e caixas, milhares delas, caixas laqueadas e de madeira transbordantes de joias antiquíssimas e tão delicadas como são as auroras dos dias outonais. Há pureza nas manhãs enevoadas do outono e havia também ao redor da mulher, como se uma sinfonia invisível, mas suave e comovente, a apaziguasse por inteiro. Ela toda, desde o começo de sua vida até aquele sublime e preciso instante.

Na casa havia ainda — em cada um dos mais de mil quartos — cômodas dessas bem pesadas e também muito antigas,

e banheiros amplos feito planícies infinitas de azulejos amarelados pela passagem do tempo.

E havia lá para baixo, em lugares ermos como abismos oceânicos, talvez do outro lado da rua — pois que a casa ocupava quarteirões a perder de vista — a imensa cozinha e seus deslumbrantes aparatos de corte e amaciamento de carnes, suas panelas de ferro e cobre e seus vastos armários nos quais, contava-se, muitas crianças haviam se perdido para sempre, para nunca mais, e pensar nisso deixava a mulher atordoada e melancólica.

Mas, apesar disso, ela seguia sua caminhada de reconhecimento daquela casa — como se entrasse ali pela primeira vez, o que não era “verdade” — e de si mesma, e percebia, com vagar, que todo um mundo de tijolos vermelhos e cheirando a terra molhada também pulsava vigorosamente ao seu redor.

Aquela casa fora construída há muitas (e muitas) dezenas de anos talvez por seu bisavô ou pelo tetravô (ela nunca se lembrava) para abrigar as gerações futuras e manter intacto o “bom” nome da família.

Talvez por isso, houvesse naquele momento centenas de histórias e mais histórias brotando entre as paredes da casa, sobre o teto, entre os esplendorosos azulejos do século 18, e todas elas renasciam ali, vívidas e quase tangíveis, bem diante dos olhos atônitos da mulher que também parecia estar (re)nascendo enquanto caminhava e caminhava... E todas estas histórias ganhavam vida através das vozes dos muitos ancestrais da mulher que tomavam todo o ambiente de um modo descontrolado e enérgico. Como parte-fundamento daquele instante vivamente fabuloso, mas incrivelmente real, a mulher sabia que estava unida a tudo o que contemplava de modo irremediável e perpétuo e, por isso, ela seguia determinada, corajosa.

Como se carregasse o peso absurdo das escolhas de seus ascendentes: assim a mulher seguia.

Antes, é preciso dizer que o sono da mulher fora interrompido bruscamente, na madrugada fria, como se houvessem cortado a realidade com faca de boa lâmina, e ela estava, até então, até há um segundo, agorinha mesmo, vivendo a vida que lhe fora dada viver como qualquer outra mulher, como todas as mulheres o fazem desde (desde) sempre. E ela vivia uma vida assim desinteressante como qualquer outra, mas, então, ela acordara e foi como se rasgassem uma grossa cortina e a mulher abriu os olhos e percebeu que estava sozinha naquela imensa casa — uma casa continente ou uma casa nave interplanetária — que parecia flutuar no universo do passado e do presente e do presente transformado em passado e fragmentado em infinitas coisas... Infinitas e pungentes e estranhas coisas...

E então era seu corpo e o que ela havia sido até os quinze ou catorze anos; era ela mesma sentindo pela primeira vez uma parte de outro corpo quase tocando seu pequeno e imaculado útero de menina de forma devastadora, e era sua mão de veias altas como montanhas atravessadas por rios azulados: as mãos da mulher madura que ela, de fato, era. E ela a tudo reparava com um sentimento nunca antes experimentado: o do amor transbordante e visceral por si mesma.

Em meio a tudo isso (essa coisa inominável) a mulher se dava conta de que aquela epifania a apresentava a ela mesma (sim!) do jeito que ela sempre fora e de um jeito que ela jamais havia sido, mas agora tudo fazia sentido como nunca: o fato real de que ela se encontrava consigo mesma de um modo caótico, enlouquecido, furioso e esquisito, mas, justamente por tudo isso, verdadeiramente vívido.

Em dado momento, a mulher saiu a andar pelo longo corredor da casa sentindo que aquela era a hora do amanhecer que trazia a leveza dos ventos que parecem ter vidas como os seres humanos têm vidas, digo, almas profundas e intrigantes. O corredor infinitamente longo e havia os quadros e as imagens deles estavam vivas e era possível à mulher ouvir — vindas de bocas há muito caladas — uns lamentos fundos entremeados por centenas de risos escandalosos. E havia ainda e novamente as crianças, mas seus corpos agora eram outros; há muito a inocência se perdera, há muito as crianças já sabiam que o que persistia nelas como o inexplicável da existência, era o que lhes trouxera à vida, e as crianças falavam e suas caras por vezes assustavam a mulher, mas ela seguia mesmo assim pelo corredor que parecia se alongar cada vez mais conforme seus pés pisavam no chão que se tornara, de repente, confortavelmente morno. Subitamente, a mulher chegou até a escada e ela bem sabia que para além da imensidão da casa-continente-na-veinterplanetária, quase como um porto caquético submerso em um mar que sempre se movera de forma agressiva, havia uma longa escada e ela sabia que seria preciso, imediatamente e sem nenhum receio, descê-la.

Naquela hora, o coração da mulher batia não desesperado (ou talvez aquele fosse seu compasso normal), pois que pulsava de uma maneira assim levemente ritmada como um bumbo ou uma máquina feita para perfurar terras muito áridas e, absolutamente nada, a faria voltar para a “segurança” do seu quarto que, àquela altura, perdera-se para sempre no silêncio extraordinário que invadira a casa inteira, cada mínimo canto dela, bem como as reentrâncias das milhares de gavetas e caixas e quadros repletos das milhares de lembranças e de tudo

mais que envolvia cada uma das quinquilharias primitivas que ornavam a casa.

E eu bem sei que a mulher poderia gritar e poderia, inclusive, morrer, sim, morrer, mergulhar na matéria das coisas inconclusas, e isso não seria menos que nada no curso natural de todas (todas) as coisas; mas ela não iria gritar, não faria nada disso a mulher, ela sempre soube que seria assim, ela sempre ansiara por aquele momento e continuava, corajosamente lúcida, descendo os infindáveis degraus da escada.

Então, ela desceu o primeiro degrau e nesse ponto ainda era possível ouvir, vindas lá de longe, as vozes de umas pessoas antigas que, naquele momento, se faziam ouvir no corredor, e eram centenas delas, de muitas idades e épocas e todas gritavam insanas porque tentavam existir para além das molduras dos seus retratos carcomidos e estas pessoas berravam enquanto pediam coisas esdrúxulas à mulher e as crianças (elas sempre se renovam) também gritavam chorosas e todos (todos), na verdade, temiam a descoberta primitiva e inexorável que a mulher estava prestes a fazer.

A partir do segundo degrau — e é preciso dizer que cada degrau era do tamanho de uma cidade dessas que se vê de dentro da janela dos trens de ferro ou quando sobrevoamos os lugares desse mundo — nada mais se ouvia e a mulher apenas sentia sob sua pele, um arrepio intenso que a fazia querer descer todos aqueles degraus cada vez mais rápido, mas ela se continha e continuava absorvendo, com vagar, os fragmentos da vida premente que saltavam das paisagens e se movimentavam ao redor dela com a vivacidade plena e violenta do que nasce.

E havia os insetos, sim, e alguns eram terrivelmente asquerosos, mas havia também os pássaros de cores inacreditavel-

mente belas e suas asas longas que quase tocavam o coração da mulher... quase... E havia, ainda, o sentimento que, ao se desprender de tudo e cada uma daquelas “coisas” deixava suspiros, lágrimas, risos e um certo “quê” impossível de definir que fazia com que a mulher movesse lentamente os lábios, ou movesse de forma rápida ou se encolhesse de forma infantil como quando tinha três anos e sentira, sobre seu corpo, as mãos grosseiras do pai que a havia espancado sem motivo algum...sem motivo algum...Essa era uma recordação terrível que sempre a perseguia e que voltava, agora, de forma muito vívida.

Ah, mas a paisagem agora se transformava rapidamente como uma espiral psicodélica de infinitas formas, e os degraus — todos eles, todos e cada um deles — não mais existiam e os caminhos a partir desse trecho se tornaram terrosos e essa terra era intensamente vermelha, sanguínea, e entranhado nela havia ainda o mato rasteiro de tom verde resplandecente e isto era bonito por toda (toda) vida e a mulher se comovia... Ela se comovia muito. E a mulher bem sabia que aquela não era uma paisagem de árvores frondosas e flores exóticas, mas eram as flores, frutos e aves de um território que ela conhecia muito bem e amara desde que o vira pela primeira vez. Aquela era a região simples e quase seca do país periférico no qual ela nasceria há muito (muito) tempo.

Ali a vegetação era ordinária, não havia a altivez heróica das árvores frondosas e centenárias dos lugares remotos que vemos em folhinhas e calendários que nos mostram cumes de montes cobertos de neve ou bosques escuros perdidos em regiões distantes do hemisfério sul. Por ali, a terra sempre havia sido vermelha e estranhamente quente e a mulher desde sempre gostara de pisar nela fosse de manhã bem cedo ou durante

a noite e até sob a chuva. Desde a adolescência, ela intuía que estas suas “manias” haviam moldado sua personalidade de uma forma única e, intimamente, ela se orgulhava de ter sido capaz de mantê-las apesar de todas as tentativas de rejeição que haviam sido inculcadas nela por seus pais, amantes e tantos outros e outras ao longo da vida.

Pois, desse jeito simplíssimo e vigoroso é que a mulher sentia que se aproximava daquilo que a fizera acordar, abrir os olhos e enxergar todas estas coisas; os ruídos estavam todos silenciados, não mais havia ao redor dela, gritando por sua ajuda e afeto, famílias, crianças ou avós e nem pais ou homens jovens ou velhíssimos, de barbas brancas e longas; os homens que haviam olhado para ela de jeitos que a fizeram ceder, estes também não havia... Tudo (tudo!) ficara bem lá para trás nas funduras do tempo incessante.

Nada mais compungia a mulher e aquele sentimento de que ela devia algo ao mundo também estava soterrado, não havia sequer ruínas, e as flores rasteiras também pareciam apenas pontos insignificantes sob o chão poeirento de seu país periférico.

Quando chegou lá embaixo na planície que ela reconheceu como sendo o lugar da sua mais puríssima consciência, a mulher sentou-se e percebeu-se nua para além de sua própria carne exposta e viu que o sangue que corria em suas veias parecia-se com aquilo que os vulcões expelem e ela, então, deitou-se naquela estranhamente macia, quente e úmida, terra universal, e pensou que talvez ela mesma fosse somente uma mínima parte daquele seu corpo de fronteiras perenes que finalmente, naquele sagrado instante, se unia à vermelhidão de toda (toda) aquela terra. E foi então que a mulher acordou

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

CONTATO
vargas.anac@gmail.com
[facebook.com/Ana-Vargas](https://www.facebook.com/Ana-Vargas)

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2024.
